



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12739 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

PESQUISA COM CRIANÇAS: AUTORRETRATO E O LÁPIS COR DE PELE

Lucimara Gomes Oliveira de Moraes - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ingrid Dittrich Wiggers - UnB - Universidade de Brasília

PESQUISA COM CRIANÇAS: AUTORRETRATO E O LÁPIS COR DE PELE

Resumo: Este trabalho localiza-se no campo de estudos sobre a infância e tem por objetivo analisar o processo de elaboração do autorretrato de uma menina de cinco anos. O trabalho orienta-se qualitativamente e o aporte teórico ancora-se na sociologia da infância em articulação com a geografia da infância. Os resultados apontam que o desenho do autorretrato, com a oferta de materiais de colorir com diferentes matizes para representar os tons de pele, apresenta um potencial reflexivo para a construção da identidade étnico-racial nas crianças. Ressalta-se a necessidade de inserir tais materiais nas pesquisas acadêmicas com crianças, pois a presença ou ausência desses pode significar um movimento de ruptura ou de perpetuação do racismo institucional.

Palavras-chave: Pesquisa com crianças, Desenho infantil, Relações étnico-raciais, Metodologia de pesquisa com crianças, Infância

Este trabalho vincula-se ao campo de estudos sobre a infância e tem por objetivo analisar o processo de elaboração do autorretrato de uma menina de cinco anos, tendo as categorias geração e raça como elementos interseccionais. Sara tem cinco anos e apresentou um processo singular na elaboração de seus desenhos, tendo realizado a produção de três versões seguidas. Diante desse processo diferenciado de elaboração da autorrepresentação elegem-se os seguintes objetivos: (i) descrever o processo de elaboração dos autorretratos de

Sara; (ii) analisar, com base no aporte teórico da sociologia da infância e geografia da infância, o processo de elaboração identitária étnico-racial desta criança.

De acordo com Corsaro (2011), as crianças reproduzem a cultura de forma interpretativa. Essa capacidade de produzir cultura relaciona-se com a rede de instituições em que a criança transita, denominada pelo autor como teia global. Dessa forma, ao conviver em espaços coletivos e ter contato com os diferentes campos da sociedade, as crianças produzem cultura de forma interpretativa (CORSARO, 2011). Prout (2010, p. 729) indica que a sociologia da infância enfrentou o desafio de “criar um espaço para a infância no discurso sociológico”, na década de 1980. No entanto, atualmente, a sociologia da infância precisa empenhar-se em desvendar “a crescente complexidade e ambiguidade da infância como um fenômeno contemporâneo e instável”. De acordo com esse teórico, a complexidade é a base compreensiva que “deixa de ver a infância como uma categoria essencializada para vê-la como algo que se produz dentro de um conjunto de relações (PROUT, 2010, p. 745).

Com base na necessidade dialógica entre campos diferentes para a compreensão da infância e das questões étnico-raciais, este trabalho propõe um diálogo interdisciplinar entre a nova sociologia da infância e a geografia da infância, que defende a indissociabilidade entre a defesa dos direitos da criança, território, produção de espaços e lugares. Desta forma, a geografia da infância se propõe a “desvelar toda a complexidade” da infância, contextualizando a produção cultural das crianças (LOPES, 2008, p. 80).

Sobre as relações étnico-raciais, Silva (2011, p. 134) problematiza a questão do apagamento do “sujeito negro de nosso discurso e de nossas práticas”. Essa valorização de branquidade nos estereótipos de beleza pode ser percebida nos “artefatos e tecnologias” (PROUT, 2010, p. 741). Os brinquedos, como bonecas, super-heróis, princesas carecem de representatividade com marcas étnico-raciais que afirmem a diversidade como um valor da sociedade (GOUVÊA, 2017). Nesse contexto, a mídia é considerada como um ator de grande relevância nas configurações estruturais da infância (PROUT, 2010). A menina negra assiste aos vídeos em que as princesas são brancas, com cabelos loiros e lisos. Nesse sentido, Gomes (2006) alerta para o apagamento da beleza negra na sociedade brasileira, o que pode repercutir na construção da identidade das meninas negras (GOUVÊA, 2017). Nessa compreensão da infância como um objeto complexo, este trabalho se estrutura em mais três seções: metodologia, análise e discussões e considerações finais.

Metodologia

Este estudo ^[1], de abordagem qualitativa e orientação etnográfica, acompanhou, de setembro de 2022 a fevereiro de 2023, um grupo de 50 crianças de uma comunidade evangélica com aproximadamente 300 crianças, residentes em diferentes localidades de Brasília. A estratégia utilizada para a aderência de crianças para a pesquisa pautou-se pela

metodologia denominada “Bola de Neve” (VINUTO, 2014), pois as igrejas se constituem como contextos eivados de resistências para a aceitação de uma pesquisa acadêmica.

Nas seções de desenhos, foram oferecidos às crianças papel de tamanho A4, de gramatura mais espessa, giz de cera, lápis de cor, conjunto de lápis cor de pele, canetinhas coloridas de ponta grossa e canetinhas cor de pele. A escuta das crianças em pesquisas acadêmicas ainda se constitui um desafio, pois as crianças têm uma lógica própria, com expressões construídas por múltiplas linguagens (ARNOTT; WALL, 2022). Diante dessa complexidade, elegeu-se a semiótica social como metodologia de análise, visto que busca a integração entre os modos, no caso do estudo em tela, o gestual, a oralidade e o desenho (PENN, 2015; KRESS; LEEUWEN, 2021).

Análise e Discussão

Durante o percurso da pesquisa, Sara interagiu no grupo demonstrando liderança com as demais crianças, pautando enredos de brincadeiras, distribuindo papéis e estabelecendo algumas regras. Sara nasceu no Brasil, país com uma herança histórica de colonização europeia e com as marcas de uma sociedade que escravizou pessoas. Sua história de vida se desenvolve na região Centro-Oeste, em Brasília, que foi construída por meio da mão de obra de imigrantes do Nordeste brasileiro, também chamados de candangos. A questão da cor da pele e a geografia brasileira e de Brasília dialogam com a infância de Sara, pois as pessoas escravizadas pelos colonos europeus tinham a pele negra e os candangos também (PINTO; SILVA, 2021). A família de Sara é constituída por mãe, pai e um irmão mais velho, todos têm cabelos, olhos e pele escura. Ao chegar à igreja aos domingos, era comum vê-la carregando uma boneca do tipo bebê. O plástico da boneca imitava a pele rosada de uma criança branca e havia uma pequena chuquinha com fios loiros, o que contrastava com as características do fenótipo de Sara.

Em dezembro de 2022, Sara participou de uma sessão coletiva com mais seis meninas entre cinco e seis anos, que foram convidadas a desenharem seus autorretratos. Para realizarem os desenhos, as crianças receberam materiais, dentre eles, lápis e canetinhas com diferentes tons de pele. Elas foram orientadas a se desenharem e se quisessem poderiam usar os materiais com cores diferentes para as peles. O gesto de comparar a ponta do lápis cor de pele com o dorso da mão mostrou-se comum entre as crianças que buscavam se retratar levando em conta a cor de sua pele. Sara estabeleceu um percurso bem peculiar para a elaboração do seu autorretrato, desenhando três versões.

No primeiro autorretrato, Sara escolheu cores claras para colorir a sua imagem e pintou os cabelos de ruivo. Como as crianças estavam juntas, Emily, de cinco anos, conversou com Sara e a questionou “você pintou sua pele de outra cor?”. Sara reagiu com tom de desaprovação para Emily dizendo “e você, que é laranja?”. Após essa conversa entre as meninas, Sara deixou o primeiro desenho de lado, foi até a caixa de materiais e buscou um

outro papel para iniciar o segundo autorretrato. Dessa vez, os cabelos ficaram loiros, lisos e os olhos azuis. Ao finalizar a segunda versão, olhou como as demais meninas estavam se representando e parece ter percebido que estavam usando os lápis com cores diferentes para representarem suas imagens. Nesse momento, demonstrou insatisfação com o segundo desenho e repetiu o movimento de buscar um novo papel. No terceiro autorretrato, Sara se representou com pele, cabelos e olhos pretos e finalizou suas produções naquela seção.

Para Kress e Leeuwen (2021, p. 9, tradução nossa), o “momento de fazer a representação é complexo, decorrente da história cultural, social e psicológica do criador de signos e focado no contexto específico em que o criador de signos produz o signo”^[2]. No que diz respeito aos aspectos culturais, a padronização da beleza de acordo com os biotipos do norte da Europa e sua difusão ideológica pode ser identificada nos trabalhos de Gomes (2006), Gouvêa (2017), Macedo (2011), Silva (2011) e Silveira (2011).

Nesse contexto de análise, nos interessa a busca pelo específico: uma criança de cinco anos, menina de cabelos escuros e cacheados, pele preta e olhos escuros produzindo seu autorretrato. De acordo com a semiótica social, nas representações de imagens produzidas pela cultura ocidental, o quadrante superior da folha relaciona-se ao mundo ideal. Sara posiciona sua autorrepresentação no quadrante distante do mundo real, não há ligação com realidade. A personagem “voa” sem chão para se apoiar. “O elemento superior (o Ideal) é então apresentado como a essência generalizada ou idealizada da mensagem, o elemento inferior (o Real) complementando-a com detalhes factuais e práticos” (KRESS; LEEUWEN 2021, p. 217, tradução nossa)^[3].

Na cultura ocidental, escreve-se da esquerda para direita, essa constitui-se em uma marca temporal para as imagens. Os desenhos mais à esquerda do papel representam o passado, aquilo que já foi lido, o que está mais à direita diz respeito ao futuro. Nesse continuum, os desenhos de Sara encontram-se no centro do papel, no presente. Descobrir como se representar e com que cores parece ser um desafio no tempo presente na produção de seu autorretrato, visto que as formas e o tamanho dos desenhos permanecem inalteradas a cada versão. As mudanças nas versões dos autorretratos de Sara têm relação estreita com as cores. Gomes (2006, p. 2) afirma a relevância do cabelo e da pele para as mulheres negras “o cabelo e o corpo são pensados pela cultura”. Sara indica a relevância das cores do cabelo e de sua pele no processo de produção do autorretrato. Enquanto as demais meninas estão de cabeça baixa, desenvolvendo seus desenhos, Sara está a procura de uma resposta. Instigada por sua amiga, Emily abandonou a primeira versão, continuou em busca de respostas sobre como se representar. A posição geográfica das meninas, sentadas em círculo, com intercâmbios de falas e possibilidade de olhar as produções uma das outras, também contribuiu para as reflexões de Sara que percebeu as representações das outras meninas, o que aponta para a construção da cultura de pares (CORSARO, 2011). Esse processo de autorrepresentação, fundamentado em aspectos sociológicos e geográficos, contribuiu para que Sara conseguisse escolher uma cor para representar sua imagem por meio do desenho,

instrumento relevante na escuta de crianças (ARNOTT; WALL, 2022; WIGGERS, 2003).

Considerações finais

Os resultados apontam para a complexidade na construção da autoimagem na criança. O desenho do autorretrato, realizado de forma coletiva, e a oferta de materiais de colorir com diferentes matizes para representar os tons de pele apresentou potencial reflexivo para a construção da identidade étnico-racial. A decisão de oferecer ou de não usar o lápis cor de pele nas pesquisas acadêmicas com crianças pode significar um movimento de ruptura ou de perpetuação do racismo institucional, o que reflete em outra questão, a do financiamento das pesquisas com crianças que requerem materiais diversificados e onerosos para os pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ARNOTT, Lorna; WALL, Kate (org.). **The theory and practice of voice in early childhood: an international exploration**. Oxon, UK: Routledge. 2022.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. **Reading Images**. 3rd ed. Taylor and Francis: New York, EUA, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**. Corpo e cabelo negro como símbolo da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Educação infantil e relações raciais: a história de Ruby *B r i d g e*. **Pensar a Educação em Pauta**, Belo Horizonte, 2017. <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/educacao-infantil-e-relacoes-raciais-a-historia-de-ruby-bridges-exclusivo>. Acesso em: 15 maio 2022.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 23, n. 79, p. 65-82, jan./jun. 2008.

MACEDO, Denise Silva. A musa impassível. Uma leitura tridimensional da imagem. In: **Revista Contemporâneos em Estudo**, v.1, n. 1, p. 125-142, 2011.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

PINTO, Ana Flávia Magalhães.; SILVA, Andressa Marques. Narrativas da presença negra no Distrito Federal: histórias vistas desde o nível da vida. *In*: SCHMIDT, Benito Bisso; MALERBA, Jurandir. (Org.). **Fazendo História Pública**. Vitória: Editora Milfontes, 2021. p. 17-39.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729–750, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/86463c9grYmgkkL6NNV4wxD/abstract/?lang=pt#>. Acesso em mar. 2022.

SILVA, Francisca Cordélia Oliveira da. A construção de identidades negras em meio a padrões brancos de beleza. **Revista Contemporâneos em Estudo**, v.1, n. 1, p. 125-142, 2011.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. A representação do feminino em textos multimodais. **Revista Contemporâneos em Estudo**, v.1, n. 1, p. 125- 142, 2011.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 6 mar. 2023.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Corpos desenhados**: olhares de crianças de Brasília através da escola e da mídia. 2003. 210f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

[1] A pesquisa obteve aprovação do Comitê de ética e Pesquisa com Humanos, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 60140822.6.0000.5540 em setembro de 2022.

[2] “of making the representation, is a complex one, arising out of the cultural, social and psychological history of the sign-maker, and framed and focused by the specific environment in which the sign-maker produces the sign” (KRESS; LEEUWEN 2021, p. 9).

[3] “The top element (the Ideal) is then presented as the generalized or idealized essence of the message, the bottom element (the Real) as complementing this with factual and practical detail” (KRESS; LEEUWEN 2021, p. 217).